



O FALAR DO HOMEM PANTANEIRO: um olhar sociolinguístico

Elza Sabino da Silva Bueno

UEMS

Introdução

Esse estudo objetiva identificar, descrever e analisar as variações linguísticas usadas pelo homem pantaneiro, no sentido de traçar o perfil linguístico desse falante. Assim, para a constituição do material linguístico que compõe o *corpus* a ser analisado, entrevistamos doze informantes homens e mulheres distribuídos por duas faixas etárias distintas que compreendem de cinquenta a setenta anos e falantes com idade acima de setenta e um anos, sem limite definido, neste sentido tivemos informantes com até mais de oitenta e cinco anos de idade, analfabetos ou alfabetizados, que cursaram até o 4º ano primário. Vale lembrar que a maioria dos entrevistados trabalha ou já trabalhou como peão, vaqueiro, ponteiro, cozinheiro, isto é, são pessoas que conhecem os serviços característicos das fazendas do pantanal sul-mato-grossense.

De posse desse material linguístico constituído da fala espontânea dos falantes pesquisados foi possível verificar o modo característico de falar desse povo sofrido, uma vez que a língua é uma expressão concreta do homem como ser social pertencente a uma determinada comunidade linguística e, é por meio dela que o falante se relaciona, troca ideias e informações com outros falantes da comunidade em que vive. Vale ressaltar aqui que fizemos um recorte no *corpus* da pesquisa delimitando o estudo às formas linguísticas variáveis presentes no falar desses informantes que representam a fala da comunidade pantaneira. Antes de iniciar a descrição e as análises propriamente ditas, fizemos um breve histórico da região pesquisada, no sentido de contextualizar o homem pantaneiro e a sua forma característica de habitar um santuário ecológico.

Neste sentido, para uma melhor caracterização, o estudo está estruturado da seguinte forma: o item 1 trata do histórico da região estudada, o 2 da fundamentação teórica para o embasamento da pesquisa, como a relação entre língua e sociedade e a contribuição dos estudos sociolinguísticos para o estudo de língua materna, em nosso caso, da língua portuguesa falada pelo “pântano”. No item 3 descrevemos a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, que consiste na seleção dos informantes, seleção dos tópicos de conversação para as entrevistas e constituição do *corpus* da pesquisa. No item 4 analisamos os dados obtidos das entrevistas e apresentamos os resultados a que chegamos. Finalmente relacionamos as conclusões e as referências bibliográficas utilizadas como suporte para a realização do estudo.

1. Breve histórico da região estudada

Para a realização desse estudo sobre a fala do homem pantaneiro, optamos por trabalhar com informantes da cidade de Corumbá-MS, uma vez que os limites dessa cidade ocupam uma média de 60% do pantanal sul-mato-grossense, lembrando que este é um dos mais valiosos patrimônios naturais do Brasil.

De acordo com Guimarães (1999) a palavra Corumbá é de origem tupi e significa lugar de cascalho isolado que, por volta de 1870, começa a receber os seus primeiros moradores. Hoje a cidade tem uma população de aproximadamente 100 mil habitantes. É conhecida como a capital do pantanal e, devido à cor de suas terras, também ficou conhecida como a cidade branca.

Podemos dizer assim como Guimarães (1999) que Corumbá é o retrato de um país rico, porque movimentava o comércio de peles, charque e outras riquezas produzidas na região. Convém acrescentar ainda que, no passado, essa cidade foi cenário da guerra do Paraguai e hoje guarda um riquíssimo patrimônio dessa história.

A maior atração dessa cidade branca é sem dúvida o pantanal, maior área úmida do planeta que se destaca pela diversidade da fauna e da flora que o constitui em um verdadeiro paraíso ecológico.

Por se tratar de uma região pantanosa guarda características muito particulares em que as chuvas torrenciais são uma das principais. Seus terrenos, quase todos planos, são alagados periodicamente por vazantes entremeadas de lagoas, baías e leques aluviais que durante as cheias mesclam-se com as águas do rio Paraguai e trazem elementos fundamentais para a renovação da fertilidade dos ecossistemas locais, um dos mais variados e ricos do mundo.

Em meio a essa exuberante natureza está o homem pantaneiro, sujeito e objeto dessa pesquisa que pretende identificar, descrever e analisar variáveis linguísticas e sociais como sexo/gênero, idade e escolaridade, além da localidade em que vive o falante, fatores importantes na caracterização dos registros linguísticos armazenados por esses informantes, além de sua história de vida, suas crenças e costumes, para que possamos divulgar a cultura desse povo e que outros sul-mato-grossenses também tenham acesso à realidade linguística do homem pantaneiro entendendo a como uma forma de valorização da cultura popular.

2. Pressupostos teóricos

A presente pesquisa foi realizada com base nos pressupostos teóricos dos estudos sociolinguísticos, mas especificamente da sociolinguística variacionista ou teoria da variação e mudança linguística, em uma concepção heterogênea e variável de língua, com base em estudiosos da área como Alkimi (2001), Calvet (2002), Labov (1983), Mollica (2004/1994), Monteiro (2000), Mussalin (2001), Saussure (1989), Tarallo (2001) e outros que consideramos importantes para o estudo.

2.1 A língua e a sua relação com a sociedade

No decorrer da história dos estudos linguísticos, nem sempre a relação entre língua e sociedade foi considerada digna de estudos mais aprofundados, como muito bem nos lembra Alkimin (apud MUSSALIN, 2001, p.22) “em cada época, as teorias linguísticas definem, a seu modo, a natureza e as características relevantes no fenômeno linguístico e a maneira de descrevê-lo e de analisá-lo”.

Convém ressaltar aqui que a linguística firmou-se como ciência a partir dos estudos de Saussure (1989), mas ao definir a língua como um sistema que conhece apenas sua ordem própria e determinar que a linguística tivesse como único objeto a língua em si e por si mesma, Saussure desconsidera a relação comum e inerente entre língua e sociedade (apud CALVET, 2002, p. 6).

Meillet (apud CALVET, 2002), por sua vez, ao definir a ciência linguística reconhece a língua como um fato social e salienta que, para se explicar a variação linguística, deve-se partir da mudança social, uma vez que esta pode exercer influências sobre aquela. Mas é a partir dos estudos de Labov (1983) que a relação língua e sociedade tomam corpo e a língua passa a ser estudada considerando-se o contexto social de uso concreto, como ressalta Labov (1983, p. 58) “o modelo variacionista considera a variação inerente ao sistema linguístico e propõe explicá-la e descrevê-la, relacionando a aos contextos social e linguístico”.

2.2 Os estudos sociolinguísticos e sua importância para o ensino de língua

Dentro do contexto dos estudos linguísticos, a sociolinguística não deixa de considerar a língua como sistema, mas considera esse sistema sujeito a interferências externas e passível de variações e transformações, não sendo possível, portanto, estudá-la desvinculada do contexto social em que ela é utilizada no momento da comunicação linguística. (MONTEIRO, 2000)

Diante do exposto, podemos dizer que todos os níveis da língua são sujeitos a variação, seja fonético, fonológico, morfológico, sintático, lexical, estilístico-pragmático e que nenhuma variação ocorre aleatoriamente, mas sim, correlacionada por fatores linguísticos e sociais e, é, justamente essa a tarefa da sociolinguística, isto é, descrever a variação, sistematizá-la e demonstrar os fatores condicionantes, para comprovar a não aleatoriedade. Neste sentido, a sociolinguística é um modelo de estudo que assume o “caos” linguístico como seu principal objeto, afinal, tudo o que não pode ser “processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto” (TARALLO, 2001, p. 6).

Partindo dessa perspectiva e do conhecimento de que a língua sofre mudanças, transforma-se no tempo e se diversifica no espaço geográfico e que ao registrar fatos linguísticos de uma língua estamos não só divulgando, mas também valorizando os costumes, as crenças e, enfim, a cultura expressa por essa língua. É o que acontece ao se registrar os fatos linguísticos característicos da fala pantaneira em que estamos guardando a memória da população de uma região formada por pessoas vindas de diferentes partes do Brasil e do exterior para que o futuro possa conhecer o *modus vivendi* de um povo alegre e muito trabalhador que viveu na região de Corumbá-MS cuja língua recebeu influências das línguas dos países vizinhos (Bolívia/Paraguai) e também das línguas indígenas faladas em toda a região.

Devido a essa mistura cultural e, conseqüentemente diferenças linguísticas acentuadas, acredita-se que os traços característicos da língua nacional tendem a desaparecer completamente com o passar do tempo, a ponto de alguns informantes dizerem que ali, o português não é a língua mais falada.

Com toda essa mescla de falares há traços linguísticos que pode-se atribuir ao falar pantaneiro, como os sons dos fonemas /g/, /j/ e /ch/ em: *djente* (gente), *djeito* (jeito) e *tchão* (chão) em que há pesquisadores que acreditam que esses sons seriam originários da região norte de Portugal (SILVA, 2004), outros acreditam que foram trazidos pelos bandeirantes e conservados na região pelo isolamento histórico, como muito bem ressalta Barros (1993,p.57) “apenas na zona rural e no pantanal esse linguajar ainda é encontrado na sua forma pura. Em Corumbá ainda há vestígios, mas certamente por pouco tempo”, e outros traços que serão descritos e exemplificados ainda nesse estudo. O que acreditamos justificar o registro formal desses dados e costumes que passarão a compor um banco de dados do falar fronteiriço.

A seguir tratamos da metodologia da pesquisa que consiste na seleção dos informantes de acordo com as variáveis sociais sexo/gênero, idade e escolaridade do falante, na seleção dos tópicos utilizados para o monitoramento da conversação e na constituição do *corpus* da pesquisa.

3. Metodologia da pesquisa

Como é de praxe em pesquisa de campo na área da sociolinguística, aqui também, a constituição do *corpus* foi feita por meio da amostragem da fala espontânea de doze informantes, sendo seis homens e seis mulheres com idades que variam de cinquenta a oitenta e cinco anos, analfabetos ou alfabetizados até o 4º ano primário, todos moradores na região do pantanal sul-mato-grossense, mais especificamente na cidade de Corumbá-MS, lembrando que tal recorte na idade do falante se deu porque se pretende verificar as histórias de vida dessas pessoas, além de seus conhecimentos linguísticos e culturais sobre costumes e lendas pantaneiras.

Um outro critério destacado para a seleção dos informantes diz respeito à localidade em que ele reside, isto é, o falante deve ter nascido na região de Corumbá ou nela vivido mais da metade de sua vida, pois como é sabido, o informante que muito viaja acaba por adquirir hábitos e costumes linguísticos característicos das regiões visitadas, o que tornaria inviável, para esta pesquisa, a coleta de dados linguísticos de pessoas muito viajadas, uma vez que não exprimiria o falar típico da região estudada.

A localidade aqui definida foi a cidade de Corumbá-MS, ou seja, o pantanal de Nhecolândia que se trata de uma região fronteiriça com falantes vindos de países vizinhos como Bolívia, Paraguai e do Brasil, relevantes para o desenvolvimento econômico do Estado de Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, dadas as características, a escassez de estudos que contemplem a fala sul-mato-grossense e a diversidade linguística e cultural da região, que de certa forma se reflete na fala do pantaneiro, esta pesquisa se justifica, uma vez que trata de aspectos fonéticos, sintáticos e semânticos da fala local, pois como muito bem observa Ferreira e Cardoso (1994, p.44):

A determinação da área a ser submetida à investigação dialetal define-se em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada.

Vale ressaltar que pesquisas desenvolvidas anteriormente Nogueira (1990) e os estudos baseados nos inquéritos do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul –ALMS, apontam peculiaridades características do falar pantaneiro local, por isso, o interesse nessa investigação na área da sociolinguística variacionista na região de Corumbá-MS

Tratamos aqui cada uma das variáveis sociais testadas nesta pesquisa com o objetivo de verificar a influência que elas podem exercer no falar do homem pantaneiro.

3.1 A variável sexo/gênero do falante

Podemos dizer que a escolha por essa variável foi motivada pelo fato de que diversos estudos na área da sociolinguística, como o de Paiva (1994), por exemplo, demonstram que existem diferenças significativas entre a fala de homens e de mulheres.

As diferenças linguísticas mais evidentes entre homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece-nos natural admitir que determinadas palavras vão melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher. Nas sociedades ocidentais, as diferenças lexicais entre os sexos são menos acentuadas e tendem, progressivamente, ao esmaecimento. O que não impede, entretanto, que ainda possamos ouvir e utilizar expressões do tipo “não fica bem para uma garota falar desta forma”. Em outras sociedades, essas diferenças são bem marcadas, permitindo-nos mesmo falar na existência de um vocabulário masculino e de um vocabulário feminino. (PAIVA, 1994, p.69)

Por outro lado, é importante destacar que, segundo Paiva (1994) em uma análise onde se correlacionam a variável sexo/gênero e o fenômeno linguístico, é necessário fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade de fala às variantes linguísticas utilizadas, mas também à forma de organização social dessa comunidade.

Em nosso caso, testamos o sexo/gênero do falante com o objetivo de verificar de que forma essa variável exerce influência no falar característico do homem pantaneiro, caso exerça, verificar que tipo e frequência e se há divergência de uso de uma variante em detrimento de outra, caso haja diferença, mostramos quais são essas possíveis diferenças e o porquê de sua existência no português usado por essa comunidade.

3.2 A variável idade do falante

Para os sociolinguistas, a idade do falante pode influenciar de maneira significativa na fala da comunidade e, conseqüentemente, da sociedade, visto que a língua está em constante processo de transformação e, com isso, surge a necessidade de renovação do repertório e vocábulos para designar os novos referentes utilizados pela comunidade para expressar os fatos da língua.

Partindo dessa perspectivas, as pessoas mais velhas tendem, geralmente, à conservação, em sua fala, de vocábulos mais arcaicos, porque têm menos contato com as mudanças e com as inovações que surgem a todo momento na realidade que os rodeiam, do que as mais jovens (NARO, 1994) e (BUENO, 2003)

Sendo assim, a variável faixa etária mostra que as mudanças linguísticas ocorrem gradativamente, de acordo com a idade do falante. O que observamos é que os falantes mais velhos conservam traços característicos do falar pantaneiro, diferente dos mais jovens em que esses traços são menos frequentes, uma vez que trabalhamos com duas faixas etárias distintas, a saber: de 50 a 70 anos e com falantes de 71 anos em diante. Lembrando que o objetivo em pesquisar a fala de pessoas mais velhas é que pretendemos investigar suas experiências de vidas e seus conhecimentos linguísticos e culturais sobre costumes e crenças características do homem pantaneiro.

3.3 A variável escolaridade do falante

A escolha pela variável escolaridade do falante se deu pelo fato de que segundo Votre (1994), quanto maior o nível de escolaridade maior as mudanças geradas na fala e na escrita das pessoas com frequentam a escola e, conseqüentemente, as mudanças discursivas também são acentuadas. Aqui nesta pesquisa trabalhamos com informantes analfabetos e alfabetizados que cursaram até o 4º ano primário, o recorte neste nível de escolaridade se deu porque a maioria das pessoas aqui entrevistada trabalhou toda a sua vida na lida nas fazendas pantaneiras e não teve a oportunidade de se dedicar aos estudos, os que conseguiram estudar cursaram apenas o ensino básico, como já foi dito acima.

Partindo desse princípio, observamos de que maneira a escolaridade pode desempenhar seu papel decisivo na utilização de uma determinada variável linguística.

A seguir apresentamos um quadro representativo dos informantes entrevistados.

Quadro 1- dos informantes entrevistados

NOME	SEXO/GÊNERO	IDADE	ESCOLARIDADE
LV*	F	53	Alfabetizado (AF)
JSO	F	84	Analfabeto (AN)
DA	F	55	AN
MMM	F	77	AN
ACM	F	69	AF
IGX	F	76	AF
ILO	M	62	AN
ACP	M	69	AF

EA	M	69	AF
ARM	M	76	AN
JS	M	77	AN
ASM	M	85	AF

* - Iniciais do nome e sobrenome do informante.

3.4 Tópicos para conversação

Com relação aos tópicos de conversação a serem selecionados para as entrevistas, optamos por trabalhar com fatos corriqueiros referentes ao cotidiano do falante, porque ao falar de assunto de seu interesse este se desvincula das normas gramaticais e linguísticas que regem a língua e narra depoimentos e experiências de vida sem se preocupar com o como narra, fato de extrema importância para os estudos de natureza sociolinguística que primam pelo falar espontâneo em situações reais de comunicação linguística (TARALLO, 2001). Esses tópicos conversacionais versam sobre a história da vida do informante, jogos e brincadeiras de infância, festas populares, namoro, noivado e casamento e, principalmente, sobre morte ou perigo de vida, pois é sabido que ao falar de assuntos que mexem com o emocional, o falante se envolve com a narrativa e deixa esse lado emocional vir à tona (LABOV, 1983).

Vale ressaltar que, por uma questão de ética profissional na pesquisa, durante todo o texto, principalmente nos exemplos retirados das entrevistas; ao nos referir ao informante, utilizamos apenas as letras iniciais de seu nome o sobrenome.

Com base no material linguístico coletado que compõe o *corpus* da pesquisa foi possível descrever e analisar a fala do homem pantaneiro, especialmente no que se refere ao uso das variáveis linguísticas e sociais testadas, como uma tentativa de melhor conhecer e valorizar o falar e a realidade linguística desse povo, suas experiências de vida, seus costumes e suas crenças e armazenar por escrito e eletronicamente esse registro linguístico antes que se perca no tempo e desapareça por completo, uma vez que as pessoas mais jovens já não mais se interessam pela vida nas fazendas pantaneiras e se deslocam, com frequência, às cidades, para estudar ou adquirir profissões distintas das exercidas por seus avós, pais, tios e outros. Sendo assim, acredita-se que esses registros podem um dia vir a ser o testemunho de um falar característico de um povo que viveu nas regiões pantaneiras de Mato Grosso do Sul, os “pântanos”, como eles mesmos se denominam como nos lembra Barros (1993) ao dizer que o homem pantaneiro constitui uma espécie em extinção em meio a um santuário ecológico que é o pantanal.

Para a transcrição das entrevistas tomamos por base os procedimentos metodológicos utilizados pelo projeto NURC/SP que visa analisar a linguagem culta falada por moradores das cinco capitais brasileiras.

O próximo passo da pesquisa consiste na descrição e análise dos dados coletados e ilustrados por meio de gráficos, para uma melhor caracterização dos resultados obtidos.

4. Análise dos dados e discussão dos resultados

Feita a apresentação da região pesquisada, dos pressupostos teóricos que norteiam o estudo e da metodologia utilizada para o seu desenvolvimento, passamos à descrição de alguns aspectos fonéticos como a realização dos fonemas /t/ e /d/ e de metaplasmos por epêntese e aférese e aspectos sintáticos como neologismos por derivação prefixal e sufixal presentes no linguajar do homem pantaneiro, e suas variações.

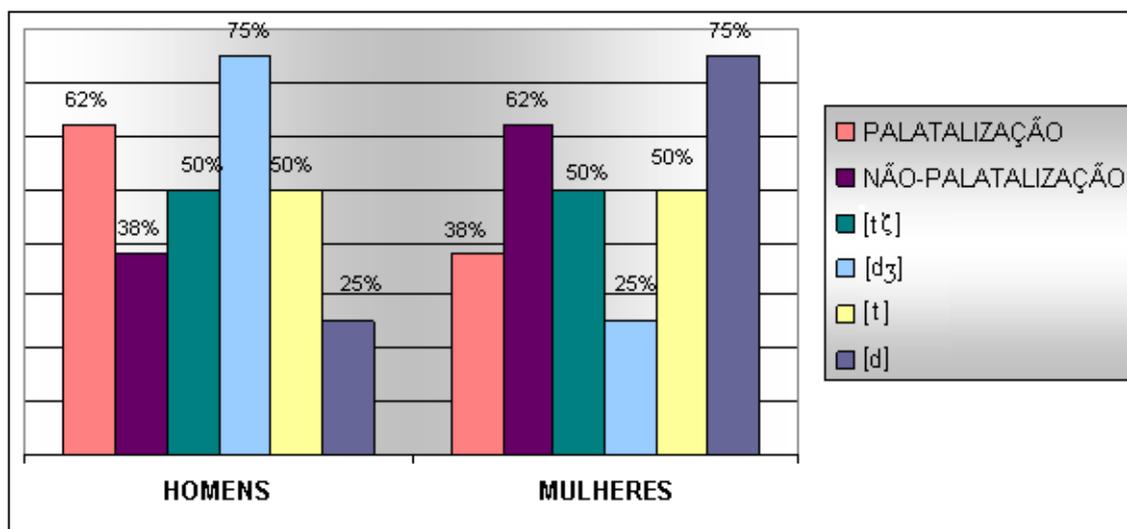
4.1 A realização dos fonemas /t/ e /d/

Nogueira (1990) registrou em seu estudo dialetológico sobre a linguagem pantaneira que as consoantes /t/ e /d/ realizam-se ora como oclusivas, ora levemente africadas [t] e [d], [tʃ] e [dʒ] diante de /i/.

Nesse trabalho registramos alternância na forma de produção dos fonemas /t/ e /d/ que foram estudados conjuntamente por se tratar de fonemas com o mesmo ponto e modo de articulação e que diferem apenas na sonoridade.

A análise interativa dos fatores linguísticos (palatalização X não palatalização de /t/ e /d/ com o fator social sexo do falante, mostra que o uso das variantes não ocorre de forma proporcional, em que por meio do gráfico a seguir é possível observar que tanto os homens como as mulheres palatizam igualmente o fonema /t/ com um percentual de 50% cada, mas quando se trata da palatalização /d/ o percentual apresenta-se mais significativo entre os homens 75% contra 25% das mulheres envolvidas na pesquisa.

Gráfico 1 – representativo da realização dos fonemas /t/ e /d/.



Aqui as mulheres também se mostraram mais conservadoras em relação à aplicação da regra variável, confirmando uma tendência apontada pelos estudos variacionistas (PAIVA, 1994). A justificativa pode ser devido ao fato de que as mulheres se dedicam mais à vida doméstica, pouco se

ausentam da região, seus contatos linguísticos são mais restritos e estão menos expostas a outras variedades de fala.

Diante do exposto, a observação dos registros linguísticos dos fonemas [t] e [d], [tʃ] e [dʒ] em [dia], [dʒia] e [tiu], [tʃiu] por meio desse estudo e somada ao trabalho de Nogueira (1990) permite inferir que a realização dos fonemas /t/ e /d/ diante de /i/ se encontra em um processo de variação estável, no falar pantaneiro, uma vez que de acordo com Mollica (2004, p.11) “as variantes podem permanecer estáveis no sistema durante um período curto de tempo ou até mesmo séculos”.

Acreditamos que no falar pantaneiro, a variação linguística desses fonemas está, como nas demais regiões do país, condicionada pelo contexto fônico e pela diversidade de falares que fazem parte do contexto linguístico da região pantaneira.

4.2 A realização de metaplasmos

Metaplasmo é a variação linguístico-fonética que consiste no aumento, supressão, transposição ou transformação de um fonema na palavra sem ocasionar mudança significativa em seu sentido, pois como ressalta Coutinho (1978, p.142) “os fonemas constituem o material sonoro da língua e esse material está sujeito à lei das transformações”.

Aqui demos ênfase aos metaplasmos dos tipos epêntese e aférese, porque durante as entrevistas houve a pronúncia do vocábulo *advogado* em que os informantes o atualizaram ora como [adevogadu] ora como [devogadu]. No primeiro caso houve o acréscimo da vogal /e/ no meio do vocábulo, no sentido de desfazer o encontro consonantal *dv* em português, o que caracteriza metaplasmo por epêntese, no segundo houve a queda do /a/ inicial do vocábulo que foi atualizado como [devogadu], caracterizando metaplasmo por aférese, lembrando que tanto [adʒivogadu] como [adevogadu] são variantes de /advogado/, o que as difere é o seu valor social, em que a primeira forma goza de prestígio, e a segunda é tida como estigmatizada.

Esses dois casos de metaplasmos podem ser considerados desvios da norma padrão da língua portuguesa e, às vezes, o seu uso é atribuído a pessoas que possuem menor grau de escolaridade ou a moradores da zona rural, o que justifica o uso, uma vez que a maioria dos falantes passara quase toda sua vida na lida nas fazendas pantaneiras.

4.3 Neologismos

A linguagem é o meio pelo qual o homem interage socialmente, a língua, por sua vez, é esse todo organizado, codificado e convencionado, enquanto que a fala é a realização concreta da língua, portanto, esta não pode ser imutável e estática, pois como o homem sofre mudanças, esta também evolui e, tomando por base a evolução por que passam língua e sociedade é que podemos encontrar criações

lexicais e expressões que se não são novas, mas que, com a evolução adquiriram novos significados, são os chamados neologismos (ALVES, 2007).

Os neologismos podem ser fonéticos, sintáticos (prefixal, sufixal e outros), fonéticos e semânticos. Aqui demos ênfase aos sintáticos e suas variações que se fizeram presentes nas entrevistas com os informantes.

4.3.1 Neologismos sintáticos

Os neologismos sintáticos supõem a combinação de elementos já existentes no sistema linguístico, e como salienta Alves (2007) são assim designados porque a combinação de seus constituintes “não está circunscrita apenas ao âmbito lexical, mas também ao frástico”, em que o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra.

4.3.1.1 Por derivação prefixal

O prefixo acrescenta significados ao vocábulo já existente, que podem ser de pequenez, grandeza, oposição, repetição e outros.

Como os demais usuários da língua portuguesa falada no Brasil, os pantaneiros também utilizam prefixos com significação negativa (4), para acrescentar uma qualidade superior (3), com valor de pequenez (2) e para acrescentar valor de espontaneidade, intencionalidade (1):

(1) “...eu acredito na juventudi di hoji... elis têm mais recursu pra vive...pra sê **autu**-suficienti... tem muita orientaçu... insinamentu... i liberdadi pra iscolhê u qui qué...” (IGX/76-AF)¹

(2) “...eu façu frecha... façu bodoqui... arcu... anzó...faço **mono**-machadu.... cortu pau... faço viola... façu ganzá...” (ASM/85-AF)

(3) “...eli eXtava a frenti di tudu... você olhandu era uma pessoa **super**-humildi.... muito humildi meXmu... caladu... num falava bobagi... (LV/53-AF)

(4) “... tem otras entidades.... a genti ficô meu assim porque tem otras e... governamentais... a nossa é **não**-governamentau... maiX a genti tá trabalhandu...” (IGX/76-AF)

O valor semântico observado na criação lexical prefixada **auto** (1) é de autonomia, o jovem é “apto para”, “suficiente por si só”. O prefixo **mono** em (2) reafirma a situação de um só instrumento que tem por função cortar, rachar, aparelhar madeira. O **super** acresce uma qualidade superior de exagero ou

¹ . Iniciais do nome e sobrenome do informante, de 76 anos de idade, alfabetizado até o 4º ano primário.

grandeza à base a que se justapõe. Morfologicamente, a base prefixada por **super** acrescenta características substantivas (super homem), verbais (superfaturar) e adjetivas, como o exemplo (3) que acresce ao vocábulo humilde, o sentimento de exagero, demasia.

O prefixo **não** se prefixa a bases substantivas, adjetivas e pode dar origem a adjetivos neológicos provenientes de formas do particípio, como em não-filiado.

Alguns prefixos podem sofrer um processo de nominalização, quando exercem função de substantivo independente de qualquer base. Veja o exemplo (5):

(5) “...aquela boiada toda i chegô fazendu baruiu aquela **supe**... u primeru aviãu da fazenda... i eu curri pra vê o **supe** que parecia um pássaru...” (JSO/84-AN)

Pode acontecer ainda transferência de significado de certos prefixos, como em (6)

(6) “... lá num tinha nada i era bom... era luis di lampiau... era bom nu tinha **tele** pra assisti... essaX beXtera tudu...” (JSO/84-AN)

Observe que o informante usa **tele** para designar televisão, em que (téle) é nome grego e significa “longe”; visão (do latim) “ato ou efeito de ver”: téle (grego) + visão (latim): televisão (ver de longe). Nesse caso **tele** perde o seu valor primitivo “ao longe” e passa a ter significado independente.

Veja no quadro a seguir as formas prefixadas encontradas no *corpus* da pesquisa.

Quadro 2 - das formas prefixais

Prefixos	Valor semântico
Auto	Ser capaz de
Mono	Ser único
Super	Adv. de intensidade – muito
Não	Adv. de negação
Tele	Televisão – ver de longe

4.3.1.2 Por derivação sufixal

A derivação sufixal atribui à palavra base uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical (ALVES, 2007). Veja o exemplo (7).

(7) “...aprendi assim... lendu um **paperzinho** qui tinha vontadi dimais di aprendê...” (MMM/77-AN)

O informante agregou o sufixo **inho** à palavra papel e lhe seu valor de diminutivo, com um sentimento carinhoso, por ter sido essa a maneira pela qual ela aprendeu a ler. Lembrando que o sufixo **inho(a)** são os mais usados no português no processo de criação de novas palavras. O sufixo **inho** também pode ser usado com valor pejorativo (8) ou de deboche (9)



(8) “...antis as moça eram di vergonha... hoji monti delas são essas **mocinha** sanhada...” (JSO/84-AN)

(9) “...aqui pras criança brincá tem qui tê uma **babazinha... babazão...** i lá nau... brinca à vontadi...” (ARM/76-AN)

Ainda como sufixos formadores de substantivos e adjetivos, encontramos no falar pantaneiro o uso de **ismo** detentor de reações partidárias, de ideias (10) etc.

(10) “...agora tudus fala né.... em mei bienti... num sei comu fala... i fica nessi **pantanismo...** i nós aqui... nem si aposentá conseguimos ainda...” (JSO/84-AN)

Em (10) percebe-se que o falante expressa a ideia de preservação ambiental, denotando um certo tom de deboche quanto à seriedade dessas ideias.

Há também o emprego de sufixos verbais, como em (11), que forma unidade lexical neológica denotando a prática de tomar chimarrão.

(11) “...i nós sentava na varanda pra **chimarrear** i contá us causu da fazenda...” ((JSO/84-AN).

Veja o quadro 3 – representativo das formas sufixais encontradas no *corpus*

Quadro 3 - das formas sufixais

Sufixos	Valor semântico
Inho/inha	Sentimento carinhoso (7) Valor pejorativo (8)
Zinho/zão	Valor de deboche (9)
Ismo	Valor de sátira (10)
Ar	Verbaliza o substantivo (11)

Conclusões

Diante da descrição de aspectos fonéticos apresentados no presente estudo foi possível comprovar a hipótese levantada no início da pesquisa de que o pantanal tem um linguajar característico e diferenciado tendo em vista a sua diversidade linguístico-cultural.

As realizações dos fonemas /t/ e /d/ diante da vogal /i/ indicam que as influências linguísticas presentes na fala do homem pantaneiro corumbaense difere das formas registradas em outras regiões do estado.

Os casos de metaplasmos por epêntese e aférese são variações linguísticas consideradas características da fala de pessoas com pouca escolaridade ou moradores da zona rural.



Com relação às criações lexicais sejam por prefixação ou sufixação percebe-se que independentemente do sexo, da idade ou do nível de escolaridade, os falantes da comunidade pantaneira estão sempre criando ou recriando novas palavras conforme as necessidades de uso da língua e, principalmente, para facilitar a comunicação verbal entre os membros da comunidade.

Diante do exposto, foi possível perceber, por meio da fala das pessoas mais velhas, traços característicos do falar pantaneiro, mas na faixa etária mais jovem esses traços são menos frequentes. Outra característica observada, além do jeito cantado é o jeito carinhoso do falar desse povo alegre e trabalhador.

Esperamos que essa singela amostragem do estudo de algumas variáveis linguísticas utilizadas na fala pantaneira possa contribuir para futuras pesquisas na área dos estudos sociolinguística, na região.

Referências

ALKIMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística – domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVES, Ieda Maria. Neologismos – criação lexical. São Paulo: Ática, 2007.

BARROS, Abílio Leite de. Gente pantaneira – crônicas de sua história. Rio de Janeiro: Lacerda, 1993.

BUENO, Elza Sabino da Silva Bueno. Nós, a gente e o bóia-fria – uma abordagem sociolinguística. São Paulo: Arte e Ciência/Dourados-MS: UEMS, 2003.

CALVET, Louis Jean. Sociolinguística – uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1978.

GUIMARAES, Acyr Vaz. Mato Grosso do Sul – sua evolução histórica. Campo Grande: UCDB, 1999.

LABOV, William. Modelos sociolinguísticos. Madrid: Cátedra, 1983.

FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana. A dialetologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 1994.

MOLLICA, Maria Cecília. Introdução à sociolinguística variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. (Cadernos didáticos da UFRJ)



EDIÇÃO Nº 12 – 2º SEMESTRE DE 2011

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011

ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

_____ e BRAGA, Maria Luiza. (orgs.) Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. Para compreender Labov. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

NARO, Anthony. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília. Introdução à sociolinguística variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. (Cadernos didáticos da UFRJ)

NOGUEIRA, Albana Xavier. O que é o pantanal. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. Introdução à sociolinguística variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. (Cadernos didáticos da UFRJ)

SILVA, Rosângela Villa da. Aspectos da pronúncia do <s> em Corumbá-MS. São Paulo: Arte e Ciência/Campo Grande-MS: UFMS, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 1989.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 2001.

VOTRE, Sebastião. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília. Introdução à sociolinguística variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. (Cadernos didáticos da UFRJ)